

A MÚSICA NA ADORAÇÃO LITÚRGICA NEOTESTAMENTÁRIA

THE MUSIC IN THE LITURGICAL WORSHIP IN THE NEW TESTAMENT

Sanderson Belo Peres¹

RESUMO

Este artigo sobre a música na adoração litúrgica neotestamentária tem como objetivo trazer à tona uma reflexão sobre a música na igreja. A ignorância em relação a esse tema tem trazido muitos conflitos e divisões no contexto atual. É preciso compreender e entender que a música é simplesmente uma ferramenta, um meio de serviço prestado, onde o importante é levar o que presta culto a uma experiência real e pessoal com Deus. Essa experiência deve ser vivida como um processo de verdadeira adoração a ser demonstrado em todas as áreas da vida do cristão, entendendo e praticando que a adoração não é um momento, um meio, nem um serviço, mas um estilo de vida.

Palavras-chaves: Música. Liturgia. Novo Testamento.

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/RS) com Integralização pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. Atualmente é ministro de Missões e Evangelismo na Igreja Batista em Santa Rosa (Santa Rosa, RS) e professor da extensão universitária "Curso Básico de Formação Ministerial". E-mail: sandersonbp@yahoo.com.br

ABSTRACT

This article about music in New Testament worship liturgical aims at bringing out a reflection on church music. The ignorance of this topic has brought many conflicts and divisions in the current context. It is necessary to comprehend and understand that music is simply a tool, a means of a provided service, where the important thing is to take that worships to a real and personal experience with God. This experience must be lived as a process of true worship to be shown in all areas of the Christian life, understanding and practicing that worship is not a time, it is a means, not a service but a lifestyle.

Keywords: Music. Liturgy. New Testament.

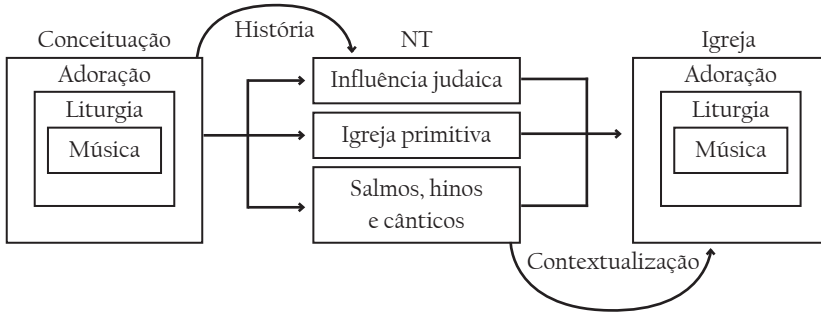
1. INTRODUÇÃO

A música na igreja tem sido alvo de discussões, debate e até divisões. O interessante é notar que toda estrutura organizacional e até a prática cultural está embasada no Antigo Testamento. É nesse contexto que surgem os questionamentos. Por que o Novo Testamento simplesmente silencia quanto a um assunto tão amplo e enfatizado anteriormente? Por que a estrutura, a liderança e até a instrumentalização musical é praticamente esquecida no contexto neotestamentário?

Ao levantar o fichamento para o assunto proposto, observou-se que a temática referente à música não é abordada sozinha, o que chamou a atenção e apresentou-se como um novo desafio. O Novo Testamento traz em sua literatura citações de hinos, trechos de cânticos e composições bem elaboradas e direcionadas a Deus e seus feitos. Nesse contexto observou-se que as referências à música estão diretamente ligadas à prática litúrgica e à adoração, que é uma temática mais abrangente não somente no Novo como também no Antigo Testamento.

Analisar a música no Novo Testamento somente pelas citações diretas e indiretas a ela é de fato um tarefa exaustiva. Por esse motivo o presente artigo visa abordar a música dentro do ensino litúrgico e como meio de adoração, delimitando assim o assunto. Para isso é imprescindível definir e conceituar os termos, analisar o contexto histórico neotestamentário, e desta forma fazer a devida contextualização para a Igreja contemporânea.

Na próxima página, veja o mapa conceitual que mostra como foi estruturado o presente artigo:



2. DEFINIÇÕES E CONCEITOS

2.1 Música

Na língua portuguesa, música é uma palavra classificada como substantivo feminino derivada do latim, com a seguinte definição: arte e ciência de combinar os sons de modo agradável à audição.² A música é uma forma de arte, e é de consciência geral que a mesma tem poder para moldar o pensamento e as emoções. Originalmente é a expressão do pulso de um povo. Tem sido usada para inspirar pensamentos elevados e ações nobres, porém também é usada para inspirar atitudes próprias da natureza vil. Compilo um ditado em relação à música registrado por Champlin: “Permite-me escrever a música de uma nação, e não me importarei com quem escrever as suas leis”.³

A Palavra de Deus tem sido proclamada de muitas formas e maneiras. A música é uma forma de pregação. Os elementos sonoros, rítmicos, e poéticos (como, no caso, as letras), são atrativos que sobressaem às palavras pronunciadas apenas por meio da voz. A música cria realidade na vida das pessoas. “Mais do que o ensinamento, mais do que seu conteúdo teológico, dirigidos ao cérebro dos ouvintes, a música, sua melodia e seus ritmos ecoam nas profundezas da alma”.⁴

Martin afirma que “a Igreja Cristã nasceu em cânticos”. Ao analisar o contexto da igreja primitiva citou que o evangelho cristão trouxe para a história uma explosão de

² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio*: o dicionário da língua portuguesa. Coordenação de edição: Marina Baird Ferreira. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 523.

³ CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2001. Vol. 4, p. 420.

⁴ EWALD, Werner. *Música e igreja: reflexões contemporâneas para uma prática milenar*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 43 e 44.

hinódia e de louvor a Deus. Argumentou que todos os antecedentes do aparecimento no mundo do século I nos levam a concluir que a igreja primitiva foi uma comunidade de cânticos e hinos.⁵

Para Ewald é imprescindível reconhecer que:

A música entra pelos ouvidos e pelos poros, antecipa-se e soma-se à razão, e encontra morada no coração e nas entranhas. Aristóteles já afirmava que nada está no intelecto que não tenha primeiro passado pelos sentidos. A música tem o poder de alegrar, comover, acalmar, emocionar, mas também pode irritar, deprimir, fazer lavagem cerebral, preparar para a guerra. Muito de seu resultado depende dos objetivos com os quais é utilizada.⁶

Segundo Coleman, a comunidade judaica cria que a música tinha origem divina, pois uma concepção tão bela só poderia ter vindo do céu. Por isso a música foi incorporada nas festas, nas cerimônias do templo, nas sinagogas, e depois, naturalmente, passou a ser adotada na igreja.⁷

E por esse motivo Ewald ressalta que:

A vida cultural de qualquer povo está acompanhada de música. Povos indígenas de qualquer parte do planeta, grupos humanos de todas as religiões que se possa lembrar, prestando culto à sua divindade, em regra, fazem uso da música - instrumental e/ou vocal - na sua liturgia. Ao som de tambores, de melodias e, muitas vezes, acompanhadas ainda de dança, essas pessoas encontram sua forma de comunicar-se com sua divindade, enaltecendo-a e suplicando sua presença ininterrupta em seu meio.⁸

Na sequência, ele ainda conclui que “a música é uma forma riquíssima de melhorar aquilo que queremos dizer com nossas palavras. E mais, através da música, conseguimos expressar aquilo que palavras sozinhas não conseguem”.⁹

2.2 Liturgia

A definição da palavra liturgia tem origem na palavra grega que significa serviço ou trabalho público. Historicamente é possível observar o seguinte fenômeno:

O cristianismo herdou isso, em grande parte, do judaísmo. A prática de cantar, tocar instrumentos musicais e dançar na

⁵ MARTIN, Ralf P. *Adoração na igreja primitiva*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982. p. 47.

⁶ EWALD, 2010, p. 43 e 44.

⁷ COLEMAN, Willian L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Tradução de Myrian Talitha Lins. Belo Horizonte: Betânia, 1991. p. 280.

⁸ EWALD, 2010, p. 18.

⁹ COLEMAN, 1991, p. 46.

presença de Deus é parte integrante do culto do povo judeu. Basta dizer que os Salmos são a coleção de hinos do povo de Israel, entoados e orados milenarmente pelas comunidades cristãs em todo o mundo até hoje.¹⁰

Por este motivo,

Tanto na antiguidade, no Velho Testamento, no Novo Testamento, nos primeiros séculos da Era Cristã, na Idade Média, na Reforma e na Era Contemporânea, é inegável a existência, a presença, influência e o fato da música ser imprescindível em qualquer tipo de liturgia, fosse das mais elaboradas às mais simples.¹¹

Para Ewald algo plausível de destacar é que os locais onde acontecia a liturgia com música cristã nem sempre foram os templos. A casa das pessoas também servia de guarida para essa prática. O que interessa mesmo é a observação de que “a música religiosa, mesmo executada em ambientes como teatros, praças e festivais, concede aos ouvintes uma experiência religiosa durante o tempo de sua execução”.¹²

Paulatinamente engrenam-se a liturgia e a música. É possível observar e concluir que as mesmas afinam-se no mesmo objetivo de favorecer o encontro de Deus com as pessoas e/ou favorecer a proximidade das pessoas com Deus. De fato elas unem as pessoas entre si. É indispensável valorizar o papel da música na liturgia e reconhecer que:

A música tem uma imensa capacidade de expressão. A linha melódica, quando bem escrita, já contém as ênfases da súplica que o povo vai ser animado a fazer. Desta maneira, seria desejável que o músico de Igreja fosse um conhecedor profundo da liturgia cristã, bem como o liturgo fosse um exímio conhecedor da música cristã. O trabalho coordenado e cooperativo de ambos é indispensável.¹³

2.3 Adoração

Definir adoração não é uma das tarefas mais fáceis, pois a mesma engloba uma temática abrangente na qual se inserem a liturgia e a música. Nesse interregno, Grudem afirma que “adoração é a atividade de glorificar a Deus em sua presença com nossa voz e com nosso coração”.¹⁴

¹⁰ EWALD, 2010, p. 17, 18.

¹¹ SILVA, Mauro Clementino da. *Cultos e panaceias*. Rio de Janeiro: s.n., 1996. p. 85.

¹² EWALD, 2010, p. 19 e 20.

¹³ EWALD, 2010, p. 20.

¹⁴ GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática atual e exaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 847.

No âmbito da necessidade antropológica, Hustad afirma que todas as pessoas adoram, mas infelizmente muitos tentam preencher com outras coisas o vazio que só Deus pode ocupar na vida. A adoração cristã é a resposta afirmativa à autorrevelação do Deus Trino.¹⁵ De forma prática,

Adorar é pensar em Deus e conversar com Ele. Adorar é pregar as boas novas de Deus, e ministrar a um mundo faminto e ferido em nome de Cristo. Adorar é desfrutar do mundo de Deus com gratidão, visto que Ele o fez para nós. Para o cristão, cada ato da vida é um ato de adoração, quando ele é feito com um amor que corresponde ao amor do Pai. Para o crente, a vida deve ser uma constante adoração, visto que pode-se dizer que a adoração propicia o metabolismo da vida espiritual.¹⁶

Em comparação com o Antigo Testamento a vida do crente adorador deve ser também uma vida de doação a Deus. O culto de adoração é um ensaio dessa oferta, dando a Deus o sacrifício que Ele requer, ou seja: todo o ser.¹⁷

Grudem reforça essa ideia, porém ratifica que:

A adoração na igreja do Novo Testamento não é apenas para ensaiar para alguma experiência celestial futura de adoração genuína, nem se trata de uma pretensa adoração nem de simples participação de alguma atividade exterior. Trata-se de genuína adoração na presença do próprio Deus, e quando adoramos colocamo-nos diante de seu trono.¹⁸

O termo *adoração* no âmbito do relacionamento divino-humano é essencialmente atribuir a Deus o valor supremo. Ao analisar a história da Igreja, Ralf salienta que a primeira comunidade cristã em Jerusalém começou dentro da comunidade judaica. Foi vista como um partido dentro do judaísmo. A palavra traduzida como *seita* em Atos é a prova disso. Paulo é visto como o principal agitador da mesma (At 24.5). O que os distinguia das demais “seitas” judaicas é que criam que o Messias já viera, e seu nome era Jesus de Nazaré.¹⁹

A sinagoga foi um elo importante na disseminação do evangelho, por isso é provável que o seu padrão de adoração tivesse uma influência formativa sobre a adoração cristã. Em relação à estrutura da adoração na Sinagoga observam-se três

¹⁵ HUSTAD, Donald P. *Jubilate! A música na igreja*. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1986. p. 73.

¹⁶ HUSTAD, 1986, p. 74.

¹⁷ HUSTAD, 1986, p. 79.

¹⁸ GRUDEM, 1999, p. 851.

¹⁹ MARTIN, 1982, p. 14 e 23.

elementos principais: o louvor, a oração e a instrução.²⁰

Para Noland, o Novo Testamento dá ênfase à adoração comunitária. A igreja primitiva recebe instruções para cantar salmos, hinos e cânticos espirituais. É um contraponto imprescindível de ser destacado o fato de que no Novo Testamento a música não é mais sacerdotal, no aspecto profissional. Ela passou a ser solidamente social, congregacional e por assim dizer, amadora.²¹

Elucidando o assunto é plausível observar que a temática proposta não pode ser vista de forma isolada, mas dentro de um escopo maior no qual envolve o serviço e a reverência. Warren cita Matt Redmann, líder de adoração na Inglaterra, que conta como o seu pastor ensinou à igreja que adoração é mais do que música. Ele proibiu todos os cânticos por um período de tempo, até que eles aprendessem a adorar de outras maneiras. Nesse contexto, Matt escreveu a clássica canção “*Heart of worship*” [Coração da adoração]:

Trarei a ti mais que uma canção,
Porque a canção em si não é o que exigiste.
Sondas meu interior,
Muito além das aparências.
Estás olhando dentro do meu coração.²²

3. HISTÓRIA E CONTEXTO DO NOVO TESTAMENTO

3.1 A influência judaica

É basilar expor o Judaísmo depois da destruição de Jerusalém. Lawrence salienta:

Os sacrifícios e ofertas cessaram com a destruição do templo, conforme predito pelo escritor de Hebreus. O Sinédrio e o sumo sacerdócio foram abolidos e até o templo cismático de Leontópolis no Egito foi fechado para não se tornar um ponto de convergência para a resistência judaica. De todas as seitas judaicas, somente a dos fariseus sobreviveu. O culto, que não podia mais ser centralizado no templo, teve continuidade em âmbito local, nas sinagogas de uma diáspora que se tornou cada vez mais ampla.²³

Para Silva, expostos a uma nova circunstância e distanciados do templo e dos

²⁰ MARTIN, 1982, p. 24-29.

²¹ NOLAND, Rory. *O coração do artista: construindo o caráter do artista cristão*. Tradução de Jorge Camargo. São Paulo: W4, 2007. p. 21.

²² WARREN, Rick. *Uma vida com propósitos: você não está aqui por acaso*. Tradução de James Monteiro dos Reis. São Paulo: Vida, 2003. p. 94.

²³ LAWRENCE, Paul. *Atlas histórico e geográfico da Bíblia*. Tradução de Susana Klassen e Vanderlei Ortigoza. Barueri: SBB, 2008. p. 169.

rituais no período exílico, os judeus cativos criaram a sinagoga como opção religiosa no período do cativo. Naturalmente toda a prática a que estavam acostumados no templo era resumida agora neste novo estilo de culto. Digno de observação é o fato de que a Igreja Cristã seguiu naturalmente esse processo, principalmente na transição da grande dispersão de Jerusalém indo ao alcance do mundo gentílico.²⁴

Já Ralf destaca que quando examinamos a situação histórica do Novo Testamento em relação ao judaísmo normativo (dos rabinos) se reconhece que há dúvidas acerca do desenvolvimento dos louvores divinos nas sinagogas palestinas do século I. O que se pode afirmar apenas é que provavelmente nas sinagogas da Dispersão - os judeus exilados que viviam e trabalhavam fora da terra santa - fossem mais adiantados do que os palestinos mais conservadores no emprego da salmodia. Os primeiros crentes em Jesus, com certeza, herdaram o desejo de expressar gratidão por meio de louvores vocais, pois há relato de que o próprio Senhor Jesus o fez (Mt 26.30) e esta é uma referência ao salmo *Hallel* entoado na festa da Páscoa. Indo além, havia a disponibilidade dos Salmos do Antigo Testamento, que a igreja primitiva adotou. Pode-se observar o uso que foi feito dos Salmos nas orações em Atos e nas discussões teológicas em Hebreus.²⁵

Alguns estudiosos afirmam que os cristãos primitivos adoravam juntos, e estabeleceram padrões de adoração que diferiam muito dos cultos da sinagoga. O que se pode observar de fato é que não há um quadro claro da adoração cristã primitiva até 150 d.C. Os típicos cultos de adoração foram descritos por Justino Mártir. Por meio dele sabemos que a igreja primitiva cultuava no domingo, chamando-o de “o Dia do Senhor” porque foi o dia em que Cristo ressurgiu dos mortos. Os lugares de reunião eram diversos: templo, sinagogas, e até nos lares (Atos 2.46; 13.14-16; 20.7-8). Acreditam que a referência ao ensino de Paulo na escola de Tirano (Atos 19.9) indica que os primitivos cristãos às vezes alugavam prédios de escola ou outras instalações. Salutar é destacar que não há prova alguma de que os cristãos tenham construído instalações especiais para seus cultos de adoração durante mais de um século após o tempo de Cristo. E onde havia perseguição reuniam-se em lugares secretos como as catacumbas (túmulos subterrâneos) de Roma.²⁶

É observando a história e contrapondo com a prática hebraica que se aprende muito sobre a prática da adoração cültica e do uso da música. Hustad cita:

Alguém disse que na adoração vétero-testamentária Deus pedia a melhor ovelha como oferta; no Novo Testamento, Ele

²⁴ SILVA, 1996, p. 77.

²⁵ MARTIN, 1982, p. 49 e 50.

²⁶ PACKER; et. al., 2000, p. 145 e 146.

requer você mesmo, o melhor que há em você - todo o nosso ser, com as nossas melhores motivações, pensamentos e ações, em adoração tanto quanto na vida. Isto também é enfatizado nos dois versículos em que Paulo fala muita coisa a respeito da adoração musical (Ef 5.19b; Cl 3.16b). Sem dúvida, Deus não fica impressionado com os sons musicais que ferem os ouvidos humanos numa experiência de adoração. A verdadeira medida de nosso sacrifício de louvor, portanto, é a sinceridade com que oferecemos a nossa melhor adoração a Deus.²⁷

3.2 A igreja primitiva

A igreja primitiva expressava-se de forma muito peculiar e particular. Na trajetória da história houve muitas mudanças desde os dias do tabernáculo e do templo, e até da sinagoga.²⁸ Para Ralf, o evangelho foi acompanhado por fervor e alegria espirituais. A energia e o entusiasmo liberados pelo Espírito Santo no Pentecostes eram expressos em cânticos de louvor. As raízes se mantiveram, mas o foco foi redirecionado, pois “o hinário do Antigo Testamento, o Saltério, era lido com olhos cristãos, e foram rapidamente detectadas prefigurações e profecias de Cristo”.²⁹

Segundo Hustad, o Novo Testamento inicia com uma enxurrada de cânticos de louvor, e isso se deve ao nascimento de Jesus Cristo. Na formação posterior das igrejas cristãs o cântico tornou-se indubitável e apropriadamente congregacional. A nova fé foi expressa através de vários tipos de música: salmos e hinos e cânticos espirituais, de acordo com o apóstolo Paulo. Embora o Antigo Testamento apresentasse diretrizes específicas para a adoração hebraica, os primeiros cristãos aparentemente estavam livres para criar suas próprias formas.³⁰

É imprescindível ressaltar que a

Adoração não é mais o ministério de sacerdotes ordenados ou cantores profissionais, fazendo a congregação, em grande parte, o papel de espectadores, extasiada diante do Deus transcendental. Agora ela é social e congregacional, estando todos os sacerdotes conscientes dos seus vizinhos tanto quanto de Deus, e cada pessoa tomando parte e até assumindo certa liderança.³¹

O que parece claro, em relação à música nos primórdios do cristianismo, é que

²⁷ HUSTAD, 1986, p. 97.

²⁸ HUSTAD, 1986, p. 94.

²⁹ MARTIN, 1982, p. 48-50.

³⁰ HUSTAD, 1986, p. 86.

³¹ HUSTAD, 1986, p. 94.

o profissionalismo do templo e da sinagoga foi completamente abandonado. Paulo mesmo se dirigia a toda a congregação e não a uma pequena panelinha musical.³²

3.3 Hinos, salmos e cânticos espirituais

Como vimos na história, o cântico cristão não irrompeu num mundo que não conhecia os hinos. O fato de a Igreja ter seu berço no judaísmo emprestou muitas formas de adoração, quer do Templo ou da sinagoga. Martin Ralf salienta que o repertório e a estrutura de culto foram mantidos, por exemplo:

O cântico antifônico remonta ao período pré-exílico da história judaica (Êx 15.21; Nm 10.35,36; 21.17; 1 Sm 18.7; Sl 24, 118, 143). Muitos dos Salmos visavam ser cantados na adoração congregacional no Templo (Sl 24, 118, 143, 150). Os dados da era pós-exílica indicam um planejamento bem-ordenado para o cântico responsivo entre dois coros de músicos (Ed 3.11; Ne 12.24,31). No século antes da vinda de Cristo, a adoração com hinos foi desenvolvida pela seita dos terapeutas, descrita por Filo. Nas suas reuniões, um membro da congregação fica em pé e canta um hino a Deus, ou um hino novo que ele mesmo compôs, ou um mais antigo por um compositor anterior. Os demais seguem um após o outro, numa ordem condigna, enquanto os demais escutam em total silêncio, a não ser quando devem cantar os refrães e as respostas. Nos cultos de noite, os homens e as mulheres primeiramente são separados. Todos nos dois grupos cantam hinos, algumas partes antifonicamente, e estes antemas são acompanhados por certos movimentos rítmicos do corpo. Depois, divinamente inspirados, os homens e as mulheres em conjunto, após se tornarem um só coro cantam hinos de ações de graças ao Deus Salvador.³³

Hinos são apresentados nos evangelhos. Por exemplo, em Lucas 1.46-55 é descrito o hino conhecido como *Magnificat*. É visível que no mesmo estão ausentes ideias cristãs, porém, o cristianismo achou nestas palavras majestosas uma confissão sublime da fidelidade de Deus a Seus servos. Em Lucas 1.68-79 é descrito o salmo de Zacarias, conhecido como *Benedictus*. O mesmo segue os moldes judaicos, e a ênfase está na adoração cerimonial. Nota-se alegria na misericórdia de Deus, foco no serviço, expectativa judaica do Elias que precederia o Messias.³⁴

Paulo (Cl 3.16 e Ef 5.19,20) destaca a existência de salmos, hinos e cânticos

³² HUSTAD, 1986, p. 94.

³³ MARTIN, 1982, p. 48-49.

³⁴ RALF, 1982, p. 51 e 52.

espirituais. Embora seja impossível determinar qual foi o primeiro hino cristão, é possível destacar que os cristãos adotaram o cântico como expressão de alegria e ações de graça, seguindo assim o exemplo do judaísmo. A Bíblia destaca que Jesus cantou um hino com seus discípulos após a Última Ceia (Mc 14.26). O Novo Testamento registra, por exemplo, Paulo e Silas orando e cantando na prisão (At 16.25). Paulo registra o que poderia ser um hino de penitência: “Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará” (Ef 5.14). Muitas outras temáticas são destacadas em hinos como, por exemplo: 2Tm 2.11-13, que cita sobre a glória do martírio; Tt 3.4-7, sobre salvação; Ap 22.17, sobre convite; Fp 2.6-11, sobre Cristo como servo de Deus e 1Tm 3.16, sobre Jesus, sua encarnação e triunfo sobre a morte.³⁵

Esses hinos não serviam apenas como cânticos de louvor, mas tinham o propósito de ensinar aos novos convertidos as verdades da fé e da vida cristã. Existe também no contexto neotestamentário fragmentos de *doxologias*, como por exemplo: “Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas Tu criaste, sim, por causa da Tua vontade vieram a existir e foram criadas” (Ap 4.11). Lucas também faz menção a diversos cânticos espontâneos, que os cristãos repetiam com frequência. Além dos já citados temos o *Glória in Excelsis*, cântico angelical de louvor a Deus (2.14) e o *Nunc Dimittis*, jubilosas ações de graças de Simeão pela vinda do Salvador (2.29-32).³⁶

Embora seja difícil distinguir entre salmos, hinos e cânticos espirituais, alguns estudiosos arriscam diferenciações. Salmos: talvez padronizados com o Saltério do AT. Hinos: composições mais extensas, sendo alguns de seus fragmentos encontrados no NT. Cânticos espirituais: citados espontaneamente e inspirados pelo Espírito Santo, porém o conteúdo poderia ser esquecido com facilidade.³⁷

4. CONTEXTUALIZAÇÃO

4.1 Música

A música foi, é, e será uma poderosa ferramenta de expressão e proclamação da fé. Hustad presumiu que a adoração cristã primitiva era estritamente vocal, pois a instrumental era associada ao templo e não mais era usada na sinagoga, sendo até

³⁵ PACKER, J. I.; TENNEY, M. C.; WHITE JR, W. *O mundo no Novo Testamento*. São Paulo: Vida, 2000. p. 150.

³⁶ PACKER; et. al., 2000, p. 150.

³⁷ MARTIN, 1982, p. 55.

abandonada pelos judeus em 70 d.C. com a destruição do templo.³⁸ Já Coleman afirma que “os primeiros cristãos davam muito valor ao cântico. Era uma maneira de abrir o coração para Deus e uns aos outros, bem como para promover a própria edificação”.³⁹ Ewald defende que “o canto comunitário aproxima as pessoas”. A mesma união e cumplicidade deveria acontecer em outros momentos na vida da igreja.⁴⁰

Silva enfatiza que, embora nos primórdios da igreja a adoração se resumisse ao uso da voz, nada impede que a igreja contemporânea faça uso dos instrumentos. Não se pode demonizar um instrumento pelo seu uso em outros meios. Ou seja, “qualquer instrumento pode servir para o louvor a Deus, depende de quem está por trás do instrumento”. O que é preciso entender é que há pouca citação instrumental nos primórdios da igreja pois a maioria das igrejas mudava de lugar constantemente devido à perseguição, e por esse motivo dispunha de pouco ou nenhum tempo para desenvolver a música ou treinar seus músicos.⁴¹

Historicamente provou-se que o canto teve papel muito importante nos cultos cristãos. O próprio Jesus cantava durante as cerimônias religiosas (Mt 26.30).⁴² Costumeiramente a igreja primitiva cantava a respeito da divindade da obra de Cristo para expressar a sua nova fé; ao mesmo tempo, ensinava essas doutrinas àqueles que estavam sendo treinados na fé, mas ainda não haviam sido batizados.⁴³

De acordo com o teólogo Grudem, “o uso dos cânticos é especialmente importante na adoração tanto do Antigo como no Novo Testamento”. A mudança na língua e nos estilos musicais tem emperrado o processo do uso do mesmo. É preciso discutir, planejar e encontrar uma mescla de cânticos que podem ser cantados por toda a congregação. O povo de Deus deve identificar neles um veículo legítimo de louvor a Deus.⁴⁴

Para Hustad, a Igreja, o sacerdócio real, deve envolver-se em todas as experiências de adoração, porém deve ter em mente que a música mais significativa é aquela executada por toda a congregação, o primeiro coro da igreja. É nítido que naquilo em que as práticas de adoração evangélicas (inclusive o uso da música) não alcançam o seu pleno potencial hoje é porque os cristãos não estão seguindo os padrões dos líderes da igreja primitiva.⁴⁵

³⁸ HUSTAD, 1986, p. 95.

³⁹ COLEMAN, 1991, p. 280.

⁴⁰ EWALD, 2010, p. 45.

⁴¹ SILVA, 1996, p. 95.

⁴² COLEMAN, 1991, p. 279.

⁴³ HUSTAD, 1986, p. 96.

⁴⁴ GRUDEM, 1999, p. 856.

⁴⁵ HUSTAD, 1986, p. 87 e 99.

4.2 Liturgia

No que tange o contexto litúrgico, ou seja, cúltilo ou de serviço, os que o lideram - sejam músicos, dirigentes de louvor, vocalistas, entre outros - precisam estar cientes que deverão abrir espaço para que todos possam expressar seu louvor a Deus. Tudo que é falado, cantado e feito que não cumpra este objetivo desvia o foco principal do culto, que é a adoração a Cristo. O ambiente litúrgico deve propiciar a comunhão dos cultuantes.⁴⁶

Não é necessário retornar à ritualística levítica no Antigo Testamento, porém o serviço dos levitas pode ser seguido em princípios éticos e morais.

Sendo assim é preciso conscientizar o músico quanto ao seu chamado para esse serviço, como uma tarefa específica (I Coríntios 15.2, 25.1); onde é preciso capacitação técnica (I Coríntios 25.7), em constante aprendizagem (I Coríntios 25.8); que tenham disponibilidade de tempo (I Coríntios 9.33) e estejam sobre a autoridade de uma liderança.⁴⁷

Nesse interregno é salutar e plausível destacar que para a igreja primitiva a adoração incluía literatura tradicional e contemporânea; execução profissional bem como amadora; composições cuidadosamente elaboradas, assim como improvisadas; salmos de louvor, hinos de doutrina e cânticos espirituais de experiência cristã.⁴⁸ Sendo assim, há uma liberdade de atuação, seja ela profissional ou amadora, no contexto contemporâneo, sem restrições.

Shedd resume a atuação litúrgica da igreja em sábias palavras:

As reuniões públicas da igreja devem ter constantemente este objetivo em vista. Seus membros, ao participarem da liturgia, devem ser estimulados a praticar atos de amor ágape e boas obras (Hb 10.24). Reunida ou dispersa, a Igreja deve ser uma comunidade glorificadora. Apenas esta adoração de duas faces é digna d'Ele, que Se entregou pela Igreja com a intenção de garantir a sua perfeição (Ef 5.27). Se a adoração for julgada uma prática ocasional, limitada a horários, lugares e ritos específicos, a igreja certamente irá perder a sua vitalidade espiritual, mantendo a 'forma', mas negando o poder nela inerente. Para ser uma igreja da Nova Aliança, os sacrifícios por ela oferecidos precisam ser uma 'oferta contínua', e o sacerdócio de todos os seus membros tem de ser de 'tempo integral'. Pois não somos de

⁴⁶ VEIGA, Carlinhos; SZUECS, Ricks (Org.). *O livro do som do céu: Mocidade para Cristo do Brasil*. Brasília: Palavra, 2009. p. 44

⁴⁷ VEIGA; SZUECS, 2009, p. 44-45.

⁴⁸ HUSTAD, 1986, p. 98.

nós mesmos, mas fomos comprados por um preço (1 Co 6.20), e isto significa que os cristãos têm tanto tempo livre quanto os escravos! Portanto, quer comais, quer bebaís, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus (1 Co 10.31).⁴⁹

É possível desenvolver um culto dinâmico e criativo, onde o Espírito Santo possa trabalhar livremente produzindo algo que agrade a Deus. Em 1 Coríntios 14.26-40, Paulo nos dá as regras básicas de um processo neotestamentário de culto que agrada a Deus. É imprescindível destacar que, tanto no Antigo como no Novo Testamento, temos um elemento básico que deve sempre estar presente: Deus na centralidade do culto.⁵⁰

4.3 Adoração

Segundo o capítulo 2 da carta de 1 Pedro, a Igreja é um templo espiritual, construído para a glória de Deus e para adoração a Ele. Deus chamou a Igreja de Cristo à existência a fim de ser uma comunidade adoradora.⁵¹ Ralf cita que “se há um tema que permeia os hinos do Novo Testamento é a certeza ressonante de que Cristo é vencedor de todos os inimigos do homem, e é adorado, com toda a razão, como Imagem de Deus que está sobre tudo”.⁵²

A igreja deve adorar o Deus do Antigo Testamento por meio do Cristo revelado no Novo. Para Hustad, é importante manter os costumes de adoração mencionados em Atos e nas Epístolas. Quando o Espírito Santo age livremente, a adoração agrada a Deus e transforma a congregação.⁵³

Encerra-se este artigo com a citação do doutor Shedd, a qual fecha com chave de ouro a conjunção da música, liturgia e adoração:

O Novo Testamento certamente nos desafia a nos apropriarmos do verdadeiro conceito de adoração. Todos os pensamentos, palavras e atos devem ser realizados com adoração, porque o Cordeiro é ‘digno de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor’ (Ap 5.12). Esta oferta de sete elementos, que as inúmeras hostes angelicais proclamam que o Cordeiro é digno de receber, na realidade só pode ser dada pelos remidos na terra. São eles quem têm riqueza (*plouton*) para dar, riqueza que já não é totalmente deles. A sabedora (*sophian*) obtida na terra deve ser usada e disseminada por causa

⁴⁹ SHEDD, Russell P. *Adoração bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 1987. p. 163.

⁵⁰ SILVA, 1996, p. 67.

⁵¹ MARTIN, 1982, p. 14.

⁵² MARTIN, 1982, p. 60.

⁵³ HUSTAD, 1986, p. 99.

de Sua excelência. A força corporal (*ischun*) deve ser usada para promover os Seus propósitos. Para a Sua honra, glória e bênção, falamos, escrevemos, trabalhamos, brincamos, comemos e dormimos, pois Ele é digno de toda força da vida que pulsa dentro de nós.⁵⁴

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise conceitual concluiu-se que a música é uma forma de arte e uma ferramenta poderosa, podendo ser usada tanto para o bem como para o mal. Tem sido usada na história e na prática cultural de muitos povos e grupos, inclusive o cristianismo. A liturgia nada mais é que o ato de culto expresso em serviço, e a música é um dos tipos de serviços prestados, e nesse aspecto uma depende da outra. A adoração, porém, é um termo mais abrangente e uma temática abordada em todo o conteúdo bíblico. Em resumo, adorar é glorificar a Deus com a vida; é essencialmente um estilo de vida. No Novo Testamento a ênfase é dada para a adoração comunitária como não sendo algo somente profissional, ou prestado por um pequeno grupo, mas vivenciado por toda a igreja e por cada cristão. Muito mais do que música ou serviço, o que Deus requer do verdadeiro adorador é o seu coração, ou seja, um culto prestado com todo o ser.

Na análise histórica concluiu-se que a Igreja no Novo Testamento teve a influência direta do judaísmo. O mesmo já havia passado por modificações devido à destruição do Templo de Jerusalém e da dispersão, por meio das sinagogas. A igreja primitiva trouxe no seu bojo a prática cultural hebraica, porém estava livre para criar as suas próprias formas de adoração, o que de fato fizeram. Tendo esse contexto em mente, observou-se que a igreja manteve a estrutura do culto aprendida no judaísmo. Hinos, salmos e cânticos foram abordados e citados em todo o Novo Testamento, mostrando que essa riqueza tradicional e histórica foi importante e imprescindível para a proclamação das boas novas nos primórdios do cristianismo.

Em relação à contextualização, concluiu-se que a música é, foi e ainda será uma poderosa ferramenta de expressão e proclamação da fé cristã. O estudo histórico mostrou que provavelmente a adoração cristã primitiva era estritamente vocal, por esse motivo vemos o Novo Testamento silenciar em relação ao uso de instrumentos. A dispersão e a perseguição prejudicaram e muito o treinamento e o desenvolvimento musical dos primeiros cristãos, porém isso não os impediu de fazer uso da mesma

⁵⁴ SHEDD, 1987, p. 162.

proclamando e discipulando os neófitos. Liturgicamente, concluiu-se que a prática levítica não é mais necessária, porém os princípios éticos e morais dos levitas devem ser mantidos. Deus chamou a Igreja para ser uma comunidade adoradora e a mesma pode fazer uso da música para servir, mas sua essência é colocar todas as coisas na presença e em reverência total a Deus.

A pesquisa não encerrou o assunto proposto, pelo contrário, abriu a visão e o campo para novas pesquisas sobre a temática que se considerou relevante para o contexto da Igreja. A música como ferramenta a ser usada no serviço e adoração a Deus precisa ser estudada e corretamente direcionada, pois o caminho que ela está tomando, principalmente no Brasil, gera preocupação.

REFERÊNCIAS

CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2001. Vol. 4, 652 p.

COLEMAN, Willian L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Tradução de Myrian Talitha Lins. Belo Horizonte: Betânia, 1991. 360 p.

EWALD, Werner. *Música e igreja: reflexões contemporâneas para uma prática milenar*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Coordenação de edição: Marina Baird Ferreira. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 960 p.

GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática atual e exaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 1999. 1046 p.

HUSTAD, Donald P. *Jubilate! A música na igreja*. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1986. 310 p.

LAWRENCE, Paul. *Atlas histórico e geográfico da Bíblia*. Tradução de Susana Klassen e Vanderlei Ortigoza. Barueri: SBB, 2008. 188 p.

MARTIN, Ralf P. **Adoração na igreja primitiva**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982. 165 p.

NOLAND, Rory. **O coração do artista: construindo o caráter do artista cristão**. Tradução de Jorge Camargo. São Paulo: W4, 2007. 282 p.

PACKER, J. I.; TENNEY, M. C.; WHITE JR, W. **O mundo no Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2000. 179 p.

SHEDD, Russell P. **Adoração bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1987. 170 p.

SILVA, Mauro Clementino da. **Cultos e panaceias**. Rio de Janeiro: s.n., 1996. 191 p.

VEIGA, Carlinhos; SZUECS, Ricks (Org.). **O livro do som do céu: Mocidade para Cristo do Brasil**. Brasília: Palavra, 2009. 156 p.

WARREN, Rick. **Uma vida com propósitos: você não está aqui por acaso**. Tradução de James Monteiro dos Reis. São Paulo: Vida, 2003.